

O Fórum de Davos ou o fracasso do mundo governado por empresas

Víctor Báez

JANEIRO 2018

■ Os ricos e poderosos do Fórum de Davos dizem querer curar o “mundo fraturado” que eles mesmos criaram.

O Fórum Econômico Mundial (FEM) de Davos realiza em 2018 seu 48º encontro anual, em um momento dramático. O tema que se propôs discutir é um “futuro compartilhado” em um “mundo fraturado”. Nós, no entanto, perguntamos: quem ou o que “fraturou” o nosso mundo?

Em 1971, seu fundador, o alemão Klaus Schwab, organizou a primeira edição na mesma localidade onde o grande romancista germânico Thomas Mann situou o enredo de sua obra-prima, *A montanha mágica*, de 1922, que retratou os dilemas da civilização às vésperas de grandes e trágicos acontecimentos (está ambientada nos anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial). Mas os personagens de Schwab eram os CEOs das grandes corporações e suas motivações consistiam em incrementar seus negócios nos anos 1970.

O Fórum se desenvolveu e desenvolve como um âmbito no qual os CEOs se encontram com os principais políticos do mundo para discutir uma agenda de futuro. Sua própria criação respondeu à necessidade que “o mundo dos negócios” tinha de discutir com “o mundo da política” sobre uma nova ordem. Em sua origem coincidiu com o derretimento da ordem mundial negociada na saída da Segunda Guerra Mundial, com os Estados Unidos abandonando a relação fixa dólar-ouro e as receitas keynesianas fracassando no enfrentamento da estagflação (estagnação econômica com inflação).

O Fórum acompanhou passo a passo a projeção do neoliberalismo como novo modelo econômico e apostou na liberalização dos fluxos de capitais e do comércio como dogmas da boa governança mundial.



A fórmula de “CEOs + líderes políticos” se fundamentou na crença de que nas empresas estava a chave para o progresso e de que tudo se circunscrevia a criar um ambiente de confiança para os investidores. Saíram de cena as sociedades e os Estados que haviam promovido os trinta anos gloriosos do capitalismo desenvolvido durante o pós-guerra. As novas lideranças acreditavam que a economia era algo importante demais para ser deixada ao sabor dos vaivéns das democracias. Os políticos incorporaram plenamente a ideia de que, no âmbito econômico, tratava-se apenas de aplicar as boas regras que já estão estabelecidas. Tal como disse Margareth Thatcher em uma famosa frase: *Não há alternativa* (TINA, por suas siglas em inglês). As regras eram estabelecidas pelo humor dos investidores.

Um conjunto de instituições que se encontravam fora do controle democrático e do voto cidadão passariam a tutelar a política econômica. Tratava-se dos bancos centrais independentes, do Fundo Monetário Internacional, das agências classificadoras de risco e da Organização Mundial do Comércio, entre outras.

As pessoas comuns que vivem do seu trabalho, e que de tempo em tempo votam e elegem os seus representantes, deviam começar a acreditar que os eventuais problemas econômicos decorriam de fatores que estavam fora de sua esfera de decisão, assim como os fenômenos naturais. E o pessoal de Davos conseguiu esse objetivo. Os CEOs passaram a governar através do humor dos seus investimentos.

Nada os fez mudar de rumo. Nem mesmo quando, em 1998, o gigantesco fundo Long Term Capital Management (LTCM) foi à falência. Um detalhe importante: o LTCM era administrado por Robert C. Merton (Harvard) e Myron S. Scholes (Stanford), que

havia recebido, no ano anterior, o Prêmio Nobel de Economia, com seus modelos econométricos que comprovavam a “racionalidade” do sistema de derivativos financeiros. Máxima expressão de um capitalismo sem freios, seu desempenho provocara a falência do LTCM, que quase arrastou o mundo para uma crise global. Nem os laureados devolveram o prêmio, nem o pessoal de Davos deteve a febre ideológica que lhe acometia. As turbulências, é claro, continuaram. Até que, em 2007 e 2008, ocorreu o grande colapso.

Desde 1999 havia pessoas comuns que se reuniam às portas do Fórum de Davos para protestar contra o que esse encontro significava. Eram “o outro Davos”. A partir de 2001, movimentos altermundistas começaram a se encontrar, paralelamente, em Porto Alegre, Brasil, no Fórum Social Mundial, para debater alternativas. O Fórum de Davos deu sinais de reação. Convidou representantes de movimentos altermundistas para seus debates. Políticos democráticos compareceram a seus encontros. Em 2003, o presidente brasileiro Lula da Silva foi ao Fórum de Davos após estar no Fórum de Porto Alegre. E o que fez o pessoal de Davos com as propostas de Lula de limitar a livre circulação de capitais, eliminar os paraísos fiscais e criar um fundo mundial para combater a pobreza? Nada! “O problema” de Davos continua sendo o mesmo desde 1971: pretender que as empresas organizem a sociedade e dirijam suas decisões políticas.

O Fórum de Davos é corresponsável pelo “mundo fraturado” que agora o assusta. Donald Trump e o Brexit, a ascensão da extrema direita na Europa e em várias partes do mundo, as turbulências geopolíticas que vêm crescendo, desmentem aos gritos o “sucesso” de seu empenho em fazer um mundo acorde com as falsas “expectativas racionais” dos CEOs e das empresas, com o seu slogan



TINA. O fato de a política democrática e inclusiva ser abandonada por setores expressivos e até majoritários da população, que aderem a uma política autoritária que manipula medos e traumas (contra migrantes, contra pobres marginalizados, contra países estrangeiros, aos quais acusam de serem a causa de sua desgraça social e econômica), é o resultado trágico de uma ideologia perversa abraçada por empresários e políticos que agora se desentendem de sua criatura.

A agenda da globalização, diz o Prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz, “foi estabelecida a portas fechadas, pelas corporações. Foi uma agenda redigida por e para grandes empresas multinacionais, às custas dos/as trabalhadores/as e cidadãos/ãs comuns no mundo todo”. Em recente artigo, sugestivamente intitulado *A globalização de nosso mal-estar*, afirma também que “um dos objetivos da globalização era debilitar o poder de negociação dos trabalhadores. O que as corporações queriam era mão de obra barata, a todo custo”.

Porque disso fomos vítimas desde o início, nós, sindicatos, temos uma proposta simples e cristalina para superar este “mundo fraturado”. Trata-se de reorganizar a vida política e econômica com critérios de inclusão social e convivência. Para tanto, será necessário que a democracia recupere sua soberania sobre a economia. Será preciso, também, que as sociedades decidam democraticamente nos organismos multilaterais que definem as regras internacionais. A primeira tarefa será abrir a “caixa escura” de uma economia dominada pelas finanças desenfreadas administradas pela gente de Davos. Será que o Fórum Econômico Mundial pode se propor isso?

Fonte: *International Politics and Society (IPS)*
<http://www.ips-journal.eu/regions/global/articles...>

**Autor**

Víctor Báez Mosqueira é Secretário Geral da Confederação Sindical de Trabalhadores/as das Américas (CSA).

Responsável

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil
www.fes.org.br

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. No Brasil a FES atua desde 1976. Os objetivos de sua atuação são a consolidação e o aprofundamento da democracia, o fomento de uma economia ambientalmente e socialmente sustentável, o fortalecimento de políticas orientadas na inclusão e justiça social e o apoio de políticas de paz e segurança democrática.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-9565-031-2



9 788595 650312